

RESENHA

A HERMENÊUTICA DO SUJEITO

<http://dx.doi.org/10.21527/2176-6622.2023.60.13998>

Submetido em: 9/2/2023

Aceito em: 29/9/2023

Paulo Velten

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Vitória/ES, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/4261834164859498>. <https://orcid.org/0000-0003-4802-264X>

RESUMO

A verdade, apesar de existir, não é, em si mesma, alguma coisa que tenha substância ou que se possa deter. Seu conteúdo imaterial desafia o conhecimento a seu respeito. A resenha da obra *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault (Editora Martins Fontes, 2006), tem o objetivo de demonstrar, por meio do método descritivo, a cartografia realizada pelo autor, com o objetivo de demonstrar a conexão entre o sujeito e a verdade. Grosso modo, é cuidando de si que o sujeito conhece a sua verdade, mas esse cuidado, mais do que uma prática, é um conceito que serviu como fio condutor comportamental do ser humano. Esse fio condutor perpassa a sociedade desde os tempos originários até o início da modernidade, que é o objeto de estudo da obra. Trata-se de um livro longo e com conceitos filosóficos densos, mas que pode ser muito útil ao tempo atual, no qual a verdade é, cotidianamente, posta à prova.

Palavras-chave: hermenêutica; cuidado; sujeito.

THE HERMENEUTICS OF THE SUBJECT

ABSTRACT

The truth, although it exists, is not, in itself, something that has substance or that could be stopped by someone. Its immaterial content challenges the knowledge about it. The review of the work *The hermeneutics of the subject*, by Michel Foucault (Editora Martins Fontes, 2006), aims to demonstrate, through the descriptive method, the cartography, carried out by the author, with the objective of demonstrating the connection between the subject and the truth. Roughly speaking, it is by taking care of himself that the subject knows his truth, but this care, more than a practice, is a concept that served as a behavioral guideline of the human being. And this guiding thread, which runs through society since the original times until the beginning of the modernity, is the object of study of this literary work. It is a long book with dense philosophical concepts, but which can be very useful to the present time, a time in which the truth is daily being tested.

Keywords: hermeneutics; care; subject.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as disputas em torno de narrativas verdadeiras alcançaram um novo patamar de importância, na medida em que cada dia se verificam novas consequências cada vez mais graves em torno da divulgação de inverdades, as tais *Fake News*.

Assim, uma resenha da grande e complexa obra *A hermenêutica do sujeito*, de Michel Foucault (Foucault, 2006), torna-se não apenas relevante, mas necessária, afinal, ao tratar do conceito do *cuidado de si*, o autor cartografa um caminho, um método, para se chegar à verdade. Como referido por Foucault, “a cultura de si constitui a história das relações entre o sujeito e a verdade” (Foucault, 2006, p. 221).

Os cuidados consigo são uma característica da modernidade, talvez até mesmo uma obsessão; entretanto, como se verá, essa obsessão atravessou toda a história social da humanidade como uma linha condutora dos modos de vida. Em todos os tempos e nas mais variadas culturas pode-se encontrar orientações sobre como se cuidar, práticas que foram repetidas à exaustão.

Isso leva à conclusão que o acesso à verdade se dá por práticas cotidianas que direcionam a uma verdade. A indução ou a obrigação de participar de rituais repetitivos, como rezas, exames de consciência, audição e entonação de certos mantras qualificados, meditação, práticas de certos exercícios físicos, manutenção de certas rotinas, e toda uma série de práticas, quando bem realizados, prometem como recompensa o encontro com uma essência verdadeira e intrínseca; uma rotina que confere ao vivente uma autenticidade.

2 O ASCETISMO

Essa vida toda, cheia de regras e rituais, é denominada por Foucault de vida ascética.

Tome-se por exemplo a busca pela virtude da filosofia grega. Era ela quem dava sentido à vida, posto que, por sua vez, a vilania era associada a uma vida falsificada, ou, para ser mais atual, uma *fake vida*. Havia uma ligação entre existir virtuosamente e a verdade.

Mesmo antes, porém, no despertar filosófico da mitologia grega, esse objetivo de conhecer-se a si mesmo em busca da verdade já estava presente. Foucault cita, por exemplo, o oráculo de Delfos, que, na Grécia arcaica do século 8º a.C., era considerado o centro geográfico do mundo, onde existia um santuário dedicado a Apolo. Ali era necessário cumprir certas regras para se consultar com as divindades¹.

Era preciso pagar um certo preço para se alcançar a verdade, para ascender ao conhecimento da verdade, tanto que todas as religiões antigas eram sacrificiais. Eram necessárias purificações, renúncias e ou conversões para se alcançar o privilégio de acessar a verdade. Isso era denominado espiritualidade (*gnôsis*)².

Acontece que, conforme o autor, esses cuidados consigo mesmo não se davam por caprichos individualistas; antes, davam-se no contexto de preparação de jovens para a vida pública. Para governar era necessário preparação, ou seja, tinha um objetivo político. O termo utilizado para essa prática era *katharsis*, portanto, era na catarse que a alma descobriria o que ela é e o quanto e o que ela sabe. Esse descobrimento seria a verdade da alma, que permitiria ao político a possibilidade de enxergar a justiça e pôr em ordem a cidade (Foucault, 2006, p. 217).

Foucault faz referência a inúmeros textos, os quais não é possível citar todos no contexto de uma resenha, mas há um que menciona inúmeras vezes durante todo o livro, e por isso será o mais destacado aqui. Ele refere-se ao texto dedicado a *Alcíbiades* por Sócrates. Alcíbiades era um jovem aristocrata que almejava governar a cidade e, para isso, deveria cuidar-se como forma de preparo.

¹ A primeira delas era que o consulente não deveria pedir nada em demasia, isto é, os Deuses não deveriam ser incomodados com bobagens; logo, as consultas deveriam ser necessárias e úteis. A segunda, referia-se às cauções, isto é, o consulente não deveria se comprometer demais com promessas que fazia, afinal, o humano deveria ter consciência de sua limitação quando diante dos Deuses, ou seja, conhecer sua limitada capacidade de cumprir promessas (Foucault, 2006, p. 6).

² O termo designa conhecimento esotérico capaz de oferecer salvação a quem a ele tem acesso, e representa, para o iniciado, o saber de sua origem e de sua destinação, assim como os segredos e mistérios do mundo superior alcançados a partir de tradições exegéticas secretas.

Outra grande referência citada pelo autor é a obra *Pensamentos*, do Imperador Marco Aurélio, agora como referência da filosofia romana para demonstrar as práticas cotidianas do cuidado de si, igualmente necessárias para ser um bom Imperador. Sempre a busca da verdade é citada como um caminho para a justiça social (Foucault, 2006, p. 247).

Sêneca, um dos mais notáveis filósofos que viveu no primeiro século, expoente do que se chama de estoicismo romano, afirmava que “se quiseres te ocupar com a tua alma, sê pobre, ou seja, viva como pobre” (Foucault, 2006, nota 33, p. 328). Essa perspectiva influenciou profundamente o cristianismo; note-se como sobre o que ele se refere é próximo do que Paulo diz em sua carta aos romanos.³

Para Sêneca, deve-se viver uma vida simples, sem luxos e regrada, isto é, uma vida ascética, para se alcançar a ética. Assim, os ascéticos ficaram conhecidos pelo seu desapego aos bens e pela vida material.

Com os primeiros grandes pensadores cristãos nos séculos 1º e 2º, como Tertuliano e Clemente de Alexandria, entretanto, o conceito que continha um objetivo social e político vai se transformar e passará a ter um objetivo mais individual.

Esse deslocamento marca uma certa facilitação do acesso à verdade, pois, se antes, somente as famílias abastadas e aristocráticas, como a de Alcibiades, poderiam praticar o ócio, a meditação e os exercícios espirituais, agora, na vida cristã primitiva, esses exercícios de purificação, rituais, jejuns e práticas penitenciais, passaram a poder ser praticados por grupos cristãos, não necessariamente nobres (Foucault, 2006, p. 141), e foi denominado por Foucault de ascetismo cristão.

Esse talvez seja o principal legado do cristianismo – a possibilidade de cuidar-se passa a ser de todos e não somente dos que tinham a possibilidade de dedicar-se a essas técnicas.

Para além, há um segundo deslocamento de sentidos, na medida em que, se antes essas práticas de cuidado tinham um papel formador, agora terão um papel corretivo.

Deve-se viver com o objetivo de endireitar o espírito humano que, por ser flexível, deveria ser corrigido de modo a livrá-lo de suas imperfeições, quer dizer, uma desaprendizagem do mal.

Este papel corretivo do cuidado de si pode ser visto quando era recomendado como se fosse uma prescrição médica, pois assim como o médico cuida do corpo o filósofo cuidaria da alma. Desse modo, como o corpo pode ficar adoentado, também algumas almas podem ser afetadas.

Esse afetação era chamada de paixão, uma doença cujo sintoma clássico seria submeter o doente a uma condição irracional, levando-o a perdição. Para se curar da paixão era necessário terapia (*therapeúien*)⁴.

Seja nos tempos helênicos da filosofia clássica (escolástica), seja no ascetismo romano, seja no cristianismo, todavia, uma ideia estava presente: quem não sabia se cuidar era *stulto*, isto é, aquele que não se interessava pela verdade interior, e que, portanto, é vulnerável às paixões do mundo exterior e suas consequências (Foucault, 2006, p. 162).

3 A VERDADE A PARTIR DA CONVERSÃO E DO CONSÓRCIO COM DEUS E COM A NATUREZA

Segundo Foucault (2006), etimologicamente o termo *Sózei* (salvar) faz referência ao ato de se salvar de um perigo; ele tem um sentido de proteção. A expressão poderia se desdobrar, também, no sentido de salvar a honra de alguém, como um advogado, que, ao demonstrar que o acusado é inocente, livra-o da desonra (Foucault, 2006, p. 224).

³ “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, em consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo” (Romanos 7:14-21).

⁴ Essa palavra em grego designava três coisas: um ato médico de cuidar, a atitude de um servidor que cumpria ordens, ou, ainda, a atitude de prestar culto.

Esse estado de salvação na cultura helenística/romana era o estágio da vida em que não se teria necessidade de mais nada, de mais ninguém. *Ataraxia* era a expressão que designava ausência de perturbação, já *autarcia* (autosuficiência) indicava o domínio de si de modo absoluto, um estado de espírito tal que, independente das situações exteriores, nada mais perturbaria aquele que alcançasse essa condição.

A ideia de cuidar-se passa por um olhar para seu interior; implica uma conversão para dentro, fazer a volta em direção a si mesmo. Deve ser observado que até aqui a conversão indicava um comportamento filosófico e não religioso (Foucault, 2006, p. 256).

Para Platão, essa conversão para o seu interior tinha o objetivo de fazer conhecer a verdade. A verdade era uma imanência natural, quer dizer, ser como se é ao acordar. Para alcançar essa conversão era necessária a *anámnese* (reminiscência), assim como médico pediatra faz ao consultar a criança; é o exercício que se faz em busca do modo de ser natural, verdadeiro, uma espécie de verificação da adequação de si mesmo (Foucault, 2006, p. 258).

Marco Aurélio também fala disso quando aconselha: “não te preocupes com os defeitos de outros” (Foucault, 2006, p. 272), ou seja, é para pensar na sua própria ação, não é para se deixar levar por pensamentos fúteis; é para escutar seu guia interior (Foucault, 2006, p. 272), ou, ainda: “Cessa de te lewares pelo turbilhão” (2006, p. 280).

Sêneca cita como exemplo o cuidado dos atletas, que nunca desperdiçam gestos; eles concentram-se apenas nos gestos que são úteis a um fim. Para ele, complexidades são inúteis, e o que fortalece a alma é o que muda o modo de ser do sujeito (Foucault, 2006, p. 287). Ele é o autor de uma obra-prima denominada *Questões naturais*, na qual examina os elementos da natureza, do céu, do ar, dos rios e das águas, do vento, da terra e, finalmente, os movimentos de ascensão, descendência e reascensão dos meteoros, tudo isso para traçar o imenso percurso (ciclo) do mundo (Foucault, 2006, p. 318-323).

Isso foi posto para demonstrar que existiriam duas filosofias: a primeira, a dos homens, que se ocupa das coisas com as quais se deve ocupar sobre a terra, isto é, as úteis; e a segunda, dos deuses, que se ocupa das coisas do céu. A primeira seria para conjurar erros; e a segunda, para nos arrancar das trevas da terra e nos ascender para a luz.

Esse movimento de subir das trevas para a luz teria por característica fazer fugir dos defeitos. Esse movimento ascendente visava à possibilidade de o humano entrar em consórcio com Deus (*in consortio Dei*). O consórcio com Deus abriria a possibilidade de a alma virtuosa participar da racionalidade divina.

Essa participação elevaria esse homem para fora do mundo, um lugar de onde Deus observa tudo; o topo do mundo, de onde até os segredos da natureza se abrem para a racionalidade.

Conhecer a si mesmo e conhecer os mistérios da natureza seriam conhecimentos absolutamente ligados (Foucault, 2006, p. 339). Um ponto de tensão que revelaria a conaturalidade e a cofuncionalidade da razão humana e da razão divina (Foucault, 2006, p. 343).

Outro ponto importante ressaltado por Foucault é a necessidade desse movimento de ascensão, isto por que esse movimento permitirá que se observe a pequenez da condição humana, o caráter fictício e artificial das riquezas, dos prazeres e glórias dos acontecimentos, que a existência é como um ponto no espaço do tempo e que mesmo os maiores exércitos não passam de formigas.

Esse tema de uma visão do alto sobre o mundo, de um movimento espiritual que nada mais é, senão, o movimento pelo qual essa visão torna-se cada vez mais alta, parece definir uma das mais fundamentais formas de experiência espiritual encontradas na cultura ocidental: a elevação do pensamento em consórcio com Deus.

4 A VERDADE A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DAS COISAS VISTAS DE CIMA

A representação das ideias e das imagens é um exercício descrito como olhar para o mais íntimo grão das coisas. O primeiro passo é descrever o objeto nu, tal como ele é, por inteiro, sob todas as suas faces. Em segundo lugar, descrever todos os seus meandros, todos os elementos que o compõem e formular o nome das coisas para poder memorizar. Esse duplo exercício desdobrará a essência da coisa (Foucault, 2006, p. 355-358).

A partir dessa representação adequada deve-se tentar medir o valor do objeto observado em relação à sua utilidade para o homem. Após esse exercício, o objeto apreendido, em toda a sua totalidade, deve ser colocado no interior do *kósmos*, pois ele pertence à determinada comunidade, lugar, cidade. Esse exercício também deve considerar a origem da representação, ou seja, se vem direta de Deus ou se pertence à ordem necessária da terra (Foucault, 2006, p. 365).

A observação da coisa no mesmo nível dela não verá como convém. Essa é a primeira característica do saber espiritual. A partir desse deslocamento é dado ao sujeito ver das coisas a sua realidade e seu valor, assim como sua importância e poder real sobre o sujeito humano. Esse saber espiritual permite ao sujeito conhecer a verdade sobre o seu ser.

Como se mencionou, porém, estulto é aquele que não se importa em conhecer a verdade; quais os inimigos da verdade que impedem que a pessoa alcance essa vida verdadeira.

Era muito forte na cultura grega a ideia de se estar preparado (*paraskeué*) para os infortúnios, tanto que herdamos dos gregos os jogos olímpicos como forma de preparação atlética. O atleta é aquele que, pela repetição, está preparado para os infortúnios da vida.

A primeira coisa que instrumentaliza/prepara o atleta é a parte psicológica; então, é preciso estar convencido a se preparar. Como, todavia, ele é convencido a abdicar da inércia ou da preguiça e preparar-se para os infortúnios?

5 A PALAVRA, A AUDIÇÃO, A LEITURA E A ESCRITA COMO EXERCÍCIOS PARA O ACESSO À VERDADE

Conforme observado, a visão do alto em consórcio com Deus permite uma descrição adequada da realidade, impossível quando vista do mesmo nível do observador terreno. Dessa descrição resultam palavras verdadeiras. São essas palavras que produzem discursos lógicos e racionais (*lógoi*) que são repetidos como um mantra à exaustão, e pouco a pouco vão sendo incrustadas no espírito dos atletas.

Palavras pronunciadas, reescritas, vão produzindo a mudança no sujeito. Não podem ser, todavia, quaisquer palavras; apenas aquelas fundadas na razão podem produzir a mudança no sujeito, isto é, palavras razoáveis é que são verdadeiras.

A razoabilidade é obtida a partir das repetições comportamentais aceitáveis coletivamente, que, após muito testadas, vão ganhando força de *praecepta* (princípios), ou, também, *dogmas* (Foucault, 2006, nota 17, p. 398).

O que caracteriza esses discursos é o seu poder de persuasão; eles introduziam a ação no pensamento, no coração e no próprio corpo dos atletas. Essas palavras, esses discursos, funcionam como um *boethós* (socorro). No grego arcaico *boé* era o grito expressado pelo guerreiro em perigo, portanto, o *logos* é o que vem em socorro, ou, ainda, como *pharmakón* (remédio) para os apuros da vida (Foucault, 2006, p. 391).

Por fim, a *ascese* é o exercício de rememoração de atualização do *logos*, com repetição de verdades endereçadas ao sujeito. É por esse arsenal de discursos verdadeiros, que vão ser internalizados pelo sujeito e acessam sua alma, que se chega aos espaços escondidos do corpo.

Se, no entanto, a palavra falada muda o indivíduo para que o *logos* penetre no interior do sujeito, é necessária a audição. Ouvir é, ao mesmo tempo, *pathetikós* (o mais passivo de todos os sentidos) e também o mais *logikós*.

A deturpação dos sentidos pode levar ao erro. Isso denomina-se mentira, mas a adequada audição conduz à verdade, sem enganos. O acesso do *logos* à alma se dá pelo ouvir. O ouvir enfeitiça a alma. Há, todavia, uma certa forma de ouvir adequada. Há uma forma de purificar, filtrar a escuta. Para que cheguem palavras e discursos lógicos, sem erros, à alma do ouvinte, a primeira coisa que se deve verificar é a *Lexis*.

Isso significa que há de se ter certa precisão no uso das palavras. Não se pode dizer certas coisas sem obedecer determinada forma de dizer, ou, ainda, não se pode dizer coisas sem escolher os termos que, de

fato, designem a representação com precisão. Assim, o *logos* não pode ser dissociado da *Lexis* (Foucault, 2006, p. 407). A escuta qualificada tem adversárias poderosas, as parceiras, a lisonja e a retórica!⁵

A palavra relaciona-se, contudo, também com outro sentido, com a visão, que é o instrumento para o exercício da leitura; esse elemento divino que terá por efeito suscitar na alma um direcionamento para o alto, em direção às realidades essenciais, à natureza da alma. Era como abrir a alma para conhecer a verdade que, ela, a alma, já conhecia. Seria, ainda, a maneira de se estabelecer o parentesco da alma com o divino (Foucault, 2006, p. 553).

A escrita é um exercício da meditação. É preciso fazer um *corpus* daquilo que a leitura do *logos* recolheu. Ao escrever assimila-se a coisa sobre a qual se pensa.

A partir dos séculos 3º e 4º, o cuidado de si adquirirá formas mais rígidas que alcançarão seu máximo rigor na vida monástica. Nela, aqueles exercícios e rituais serão potencializados nesse modelo, e a exegese de si mesmo é incorporada ao modelo, ou seja, à confissão cristã. Na prática da confissão desenvolve-se uma relação entre o sujeito e a verdade tal qual nas práticas do cuidado de si dos filósofos pagãos, inclusive com os mesmos instrumentos: a leitura, a repetição de verdade e a meditação (exame de consciência). A diferença fundamental era que esses exercícios se davam na filosofia tradicional com o objetivo de se alcançar a vida virtuosa, pois só os virtuosos alcançariam a verdade aqui na terra como um acréscimo pessoal. Por sua vez, com a filosofia cristã o foco passa a ser prática com o objetivo de salvação da vida; é uma espécie de frustração, de desistência da vida.

Se na filosofia clássica o *logos* conduzia à verdade, a partir do século 16 o exercício do exame de consciência, quando a confissão é institucionalizada e exigida, passa a ser uma prática cotidiana capaz de levar ao consórcio com Deus (Foucault, 2006, p. 504).

Sendo assim, aí está a *ascese*, numa perspectiva diferente ao simples controle do corpo dos estoicos, mas uma forma de controle da moral cristã com o objetivo de subjugar as paixões e desejos da alma, considerada naturalmente pecaminosa. Confessar é clamar pela clemência dos juízes ou dos deuses (Foucault, 2006, p. 438).

Como visto até aqui, o homem grego devia cuidar-se para chegar à verdade, pois, a princípio, naturalmente, o sujeito não era apto a alcançar a verdade. Era necessária uma transformação, uma viagem para o seu interior para que a verdade lhe fosse revelada. Assim também, na filosofia cristã, a vida cristã é igualmente regrada em seus mínimos detalhes entre os monásticos, e isso é levado ao extremo, aos minutos. Foucault marca essencialmente duas práticas essenciais e comuns: o regime de abstinências e a prática de provas.⁶

Essa vida ascética era uma exigência. A vida deveria ser posta à prova. Há uma relação agonística, sempre com um infeliz humano fulminado pelo pecado que acaba engrandecido por sua capacidade sobrenatural de ser provado (Foucault, 2006, p. 539).

Na filosofia grega, na *ascese* filosófica, o exame de consciência tinha objetivo de avaliar ações apenas para verificar a verdade, uma prova de autenticidade. Já na *ascese* cristã as práticas e renúncias que o sujeito fosse capaz de fazer é que o conduziam a uma vida de verdade (Foucault, 2006, p. 589). Em ambas os exercícios do cuidado de si passavam pela meditação. Não por acaso, foi na obra *meditações*, de Descartes, bem como nas obras Iluministas nos séculos 16 e 17, que se seguiram, que se desenvolveu o método que tinha por objetivo a busca do conhecimento e da verdade hegemônica contemporaneamente.

⁵ Foucault discorre longamente sobre elas e vale a leitura e meditação, mas, diante da necessidade da brevidade da resenha, não será possível ressaltar aqui.

⁶ As abstinências e o regime de provas compõem igualmente conceitos importantíssimos descritos longamente no livro, mas que são impossíveis de serem abordados aqui tendo em vista a necessidade de brevidade da resenha, mas que, obviamente, se recomenda avidamente a leitura.

6 CONCLUSÃO

Nesta obra Foucault demonstra o conceito do cuidado de si e o apresenta como a conexão entre o sujeito e a verdade, e que este conceito serviu como fio condutor do comportamento humano durante toda a história social, e ainda que esse comportamento era desafiado a partir da dicotomia existente entre a espiritualidade e a teologia. Com a modernidade, entretanto, isso mudou. O sujeito passou a ser capaz de descobrir a verdade, ou seja, passou a ser um Sujeito Cognoscente, e como consequência, de agora em diante, a polarização da vida se daria a partir do embate entre a espiritualidade e a ciência (Foucault, 2006, p. 376).

7 REFERÊNCIA

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Marcio Alves da Fonseca e Selma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana).

Autor Correspondente

Paulo Velten

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Vitória/ES, Brasil.

Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras, Vitória/ES, Brasil. CEP 29075-910

velten.paulo@gmail.com

**Todo conteúdo da Revista Direito em Debate
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.**